

A Construção da Qualidade de Vida no Assentamento Reunidas

Fabiana Xavier Vieira

Como citar: VIEIRA, F. X. A Construção da Qualidade de Vida no Assentamento Reunidas. *In:* SIMONETTI, M. C. L. (org.) **Assentamentos rurais e cidadania: e a construção de novos espaços de vida.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 139-158. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-142-3.p139-158>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A CONSTRUÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA NO ASSENTAMENTO REUNIDAS¹

Fabiana Xavier Vieira

INTRODUÇÃO

A principal preocupação deste artigo relaciona-se à compreensão de como está sendo promovida construção da qualidade de vida das famílias no Assentamento Reunidas, segundo a percepção destas famílias, enfocando a melhoria das condições de vida após a vinda para este assentamento. Compreende-se que existe um processo de construção de um novo modo de vida na terra, de novas identidades e esse novo processo implica, dentre outras coisas, a busca pela qualidade de vida dos trabalhadores rurais que vivem no Assentamento localizado em Promissão/SP.

O processo de construção de um novo modo de vida na terra, segundo D'Aquino (1997, p. 32):

¹ Este artigo é resultado de parte da pesquisa realizada em 1996 como bolsista de Aperfeiçoamento do CPEA (Centro de Pesquisas e Estudos Agrários), sob o título "A saúde no Assentamento Fazenda Reunidas" e agora aprofundada no Mestrado em Sociologia pela Unesp/ Araraquara tendo como tema "A Qualidade de Vida das Famílias nas Terras de Promissão".

Consiste, portanto, numa busca das diferenciações significativas do ponto de vista da construção de um novo modo de vida, que envolve um conjunto complexo de relações, desde as de vizinhança e com a comunidade inclusiva, até as relações com o capital.

Desse modo, a construção deste novo universo resulta num novo cotidiano marcado pelas diversas relações sociais que se formam e se solidificam nesse “novo tempo de viver”, nesse “novo lugar”.

Conforme dados revelados nas pesquisas, realizadas pelo CPEA, a qualidade de vida se manifesta na satisfação em viver e na viabilidade de sua permanência no assentamento, observa-se a construção da qualidade de vida no contexto de um projeto de vida: o de viver no assentamento.

ASPECTOS TEÓRICOS DA QUALIDADE DE VIDA

Apesar do tema “qualidade de vida” ser largamente utilizado não tem-se um conceituação precisa do tema.

Contudo, observa-se que os estudos sobre as condições de vida e nível de vida antecipam os de qualidade de vida. Os Parceiros do Rio Bonito de Antônio Cândido, um clássico na área de sociologia rural, pode ser considerado o pioneiro no estudo sobre a qualidade de vida de populações rurais.

Numa digressão ao surgimento do conceito qualidade de vida constatamos que:

[...] talvez nenhum conceito seja mais antigo, antes mesmo de ser definido, do que ‘qualidade de vida’. Talvez nenhum seja mais moderno do que a busca de qualidade de vida. Ainda mais moderna é a crítica e a redefinição do conceito de qualidade de vida. O primeiro gesto do que viria a ser o homem tinha por motivação a melhoria na qualidade de vida dele e dos demais de sua tribo. Apesar disso, só muito recentemente o conceito surge e se consolida no imaginário coletivo dos homens. Durante séculos, qualidade de vida estava em não ser ameaçado pelos deuses, nem ser surpreendido pelas intempéries, e ter força para resistir aos inimigos: naturais ou humanos. A vida era a rotina, a qualidade dela era não quebrar a rotina. A partir do final do século XVIII e a partir do XIX, com a Revolução Industrial, a qualidade de vida passou a ser equivalente a viver no setor urbano, contar com máquinas que fizessem o trabalho pesado, controlar da melhor forma possível a natureza. Só no século XX o conceito de qualidade de vida se transformou em consumo. O conjunto de massa passou a ser o símbolo da utopia, e padrão de medição de qualidade de vida. (BUARQUE, 1993, p. 157).

Embora acreditando em Buarque que qualidade de vida é consumo, observamos que para os trabalhadores rurais sem terra e os assentados têm outra

conotação, que mesmo englobando o consumo de produtos industriais como automóveis, eletrodomésticos, parabólicas, roupas etc, implica fundamentalmente na reconciliação com a terra extraindo dela os bens necessários à sobrevivência e algum excedente. Dessa forma qualidade de vida implica, para os trabalhadores que se concebem como ‘sitiantes’ fartura, tranqüilidade e repouso (D’AQUINO, 1997).

Apesar da qualidade de vida ser uma preocupação antiga, somente agora na era da globalização que este termo está em evidência e tudo o que a ele estiver diretamente relacionado. Neste mundo globalizado, com transformações ocorrendo com velocidade extraordinária a ordem é buscar tudo o que possa tornar melhor a nossa vida.

Qualidade de vida tornou-se uma meta a ser atingida por sociedades, populações, indivíduos. Torna-se preciso estar inserido neste mundo transnacional seja através dos meios de comunicação ou do consumo de bens e serviços. Mas a qualidade de vida vai além disso, as pessoas preocupam-se de como se alimentam, como estudam, as condições de sua habitação, como está os serviços de saúde... Enfim tudo o que possa lhe dar uma “boa qualidade de vida”.

A busca por uma “boa qualidade de vida” nesse fim de milênio é a preocupação de todos. Qualidade de vida é uma expressão que inclui forma física, saúde, alegria e bem-estar na área pessoal, social e profissional das pessoas. É crescente o número de pessoas que vêm investindo para viver bem seja no trabalho ou fora dele, conseguindo transformar carreira, lazer e vida familiar em um conjunto harmonioso. É ilusão acreditar que qualidade de vida tenha a ver somente com dinheiro ou poder, ela é muito mais profunda, ela não tem receita, pois inicia-se de dentro para fora nas pessoas. Enfim, qualidade de vida está nas *atitudes e ações cotidianas* das pessoas.

Deve-se atentar para o fato que mesmo estando dispondo, usufruindo de objetos, bens de consumo, serviços e todos os aspectos ligados ao referido tema uma questão surge: Quem pode dizer que tem uma boa qualidade de vida? Ou má? Quem pode fazer tal avaliação?

Extrapolando os índices meramente estatísticos, quem deverá responder esta questão deverá ser a própria pessoa, pois quem pode dizer que uma casa com 10 cômodos é melhor do que uma de 5? Quem garante que a vida urbana é melhor do que a rural, e vice-versa?

Percebe-se, então que as respostas à estas questões são extremamente pessoais, individuais, subjetivas até. Desse modo parto do princípio que quem deverá me dizer se tem uma “boa qualidade de vida” será a própria família entrevistada. Obviamente, leva-se em consideração a forma de habitação, o acesso aos serviços de saúde e a sua alimentação, finalmente o que há de disponível para a satisfação destas necessidades. Partindo deste pressuposto este artigo leva em consideração a percepção e a satisfação das famílias nos âmbitos estudados da qualidade de vida,

através da constatação por meio do seu discurso se houve melhoria ou não das condições de vida após a vinda para o assentamento.

Torna-se preciso esclarecer que não é objetivo deste artigo focar o lado psicológico da qualidade de vida, mas sim compreendê-la sob o ponto de vista sociológico. Objetiva-se compreender como está sendo promovida a qualidade de vida das famílias assentadas, não só sob o aspecto da satisfação em viver no assentamento mas da viabilidade de vida no assentamento tendo por base a melhoria das condições de vida desses assentados.

Os itens analisados para compreender a qualidade de vida das famílias no Assentamento Fazenda Reunidas estão relacionados como necessidades concretas: alimentação, habitação e acesso aos serviços de saúde, que, sem dúvida, traduzem necessidades abstratas consentâneas com o “estilo de vida” almejado por estes assentados.² Optou-se por estudar estes componentes pois esta seleção proporciona uma análise de grande poder explicativo sobre o tema em estudo.

Os estudos sobre qualidade de vida no meio rural, medem o nível da qualidade de vida através de índices que são analisados estatisticamente. Neste artigo, porém a metodologia adotada é a qualitativa e os dados foram obtidos através de entrevistas e da análise dos formulários respondidos pelas famílias assentadas versando sobre dados sócio-econômicos, história de vida familiar, condições de vida-habitação, condições de saúde, escola, produção, trabalho, lazer e projeto de vida.³

O referencial teórico utilizado neste trabalho é o da Teoria das Representações Sociais pois esta teoria proporciona a apreensão da qualidade de vida tal como se manifesta na vida cotidiana, na formas de pensar próprias ao senso comum, sem que estas famílias tenham um conhecimento científico acumulado sobre o assunto pesquisado.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA QUALIDADE DE VIDA

O termo “qualidade de vida” tão enfatizado na atualidade não possui uma conceituação precisa. Muitos estudos vêm sendo desenvolvidos na área da Epidemiologia Social e alguns outros pelas ciências humanas, visto que trata-se de um problema social extrapolando o universo biológico, tornando-se, assim um tema interdisciplinar.

² Segundo Bourdieu o “estilo de vida” pode ser considerado como “um conjunto unitário de preferências distintas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou hexis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo.” (BOURDIEU, 1983)

³ Salienta-se que os dados obtidos no formulário pertencem à pesquisa “Inserção no trabalho de crianças e adolescentes na cidade e nos assentamentos rurais: saúde ou qualidade de vida? - Propostas de análise e intervenção no âmbito da família e da comunidade”, sob coordenação da Prof^a Dr.^a Teresinha D’Aquino, durante o ano de 1998.

Como o intuito deste trabalho é analisar a qualidade de vida sociologicamente, buscou-se através de um exame bibliográfico trabalhos que contemplassem tal discussão na área da sociologia rural.

No Brasil, tal levantamento proporcionou a constatação de alguns trabalhos, todos pertencentes à Universidade Federal de Viçosa - Minas Gerais, elaborados como dissertações de Mestrado em Sociologia Rural e Extensão Rural, compreendendo os anos de 1979 à 1987. (Vide bibliografia no final)

Tais pesquisas utilizam o pressuposto teórico de que os indicadores da qualidade de vida do meio rural brasileiro devam ser determinados pelas condições de vida relacionadas com a sobrevivência biológica dessas populações e pelos fatores que fazem possível essa sobrevivência.

No conjunto, estes trabalhos trazem características próprias seja teoricamente ou metodologicamente sobre a análise da qualidade de vida no meio rural.

No entanto, pode-se observar que estas dissertações, na sua maioria trabalham com a base teórica de correntes do desenvolvimento e da teoria do bem-estar familiar, com exceção do trabalho de Rodrigues (1980), que optou pela análise teórica da estratificação social, o que se configura numa padronização do estudo da qualidade de vida no meio rural desenvolvida por estes autores.

Após 1983 os trabalhos apresentaram uma nova característica pelo uso de um artigo escrito por Guerrero e Acosta Hoyos (1983), apresentando uma nova opção teórica e metodológica visando facilitar o estudo da qualidade de vida no meio rural, que já vinha sendo empregada nas dissertações expostas acima de uma forma não tão aprimorada.

A opção teórica formulada por estes autores, docentes da Universidade Federal de Viçosa, é a partir da teoria psicológica das necessidades humanas.

A teoria da percepção das necessidades humanas, tal como é entendida pelos psicólogos, fornece um marco de referência teórico adequado para definir e selecionar os indicadores de qualidade de vida nos diferentes estratos sociais. (GUERRERO; ACOSTA HOYOS, 1983, p. 174).

Entendem qualidade de vida do homem rural como o conjunto de aspectos básicos de sobrevivência e bem-estar dos produtores e de suas famílias.

Estes sociólogos relacionam o estudo da qualidade de vida com as opções econômicas e com o tipo de necessidades familiares e pessoais dos indivíduos, visto que, a qualidade de vida nas camadas afluentes da sociedade tem características e componentes diferentes da qualidade de vida nos setores mais pobres. Afirmam ainda que, os componentes básicos do cotidiano, tais como alimentação, habitação e acesso aos serviços de saúde, revestem-se de um caráter condicionante para a sobrevivência biológica das famílias nos estratos mais pobres. Nos estratos mais

ricos, esses componentes aparecem como pressupostos do alto estilo de vida familiar que possuem.

Assim sendo, de acordo com estes estudiosos, deve ser ressaltado que a construção de uma medida de qualidade de vida está, portanto, condicionada ao tipo de população a ser estudada.

Na opinião destes autores para que os estudos de qualidade de vida sejam representativos de todas as regiões do mundo e de todos os estratos da sociedade devem contemplar àqueles indicadores que refletem as necessidades absolutas. Tais necessidades como alimentação, habitação, higiene, lazer, vestuários, saúde, educação, dentre outras, que afetam as condições de vida da maioria das populações do planeta em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

Com relação à análise dos dados coletados nas dissertações verifica-se que a metodologia empregada é a mesma proposta por Guerrero e Acosta Hoyos (1983) em seu artigo já referido anteriormente. Ou seja, a análise dos dados foram descritivas baseadas em percentagens, médias, uso de gráficos, tabelas, análise tabular, análise fatorial e regressão linear múltipla, enfim utilizando recursos estatísticos. Os componentes escolhidos para análise são os indicadores de qualidade de vida da população rural estudada. Estes indicadores foram divididos em:

- Indicadores condicionantes da qualidade de vida
- Indicadores inerentes à qualidade de vida

Os *indicadores condicionantes* são aqueles que nas situações específicas de pobreza e isolamento seja geográfico como psicológico, regulam o acesso dessa população a um nível melhor da qualidade de vida. Considera-se os seguintes indicadores: nível de instrução, grau de integração cívica e renda familiar.

Os *indicadores inerentes* são aqueles que, de acordo com a hierarquia da percepção das necessidades humanas, determinam os parâmetros da qualidade de vida da população rural. Esses indicadores são: posse de bens domésticos, acesso aos serviços de saúde, condição habitacional, tempo para lazer, consumo de calorias e consumo de proteínas ou índice de nutrição. Existem alguns autores que incorporam o índice padrão de higiene, dentre outros indicadores.

Para operacionalizar o estudo da qualidade de vida no meio rural, apresentados nas dissertações transformaram os componentes (ou indicadores) da qualidade de vida em índices elaborados através da atribuição de scores e analisados estatisticamente.

A fim de operacionalizar os componentes da qualidade de vida foi atribuído valores máximos a esses indicadores correspondendo ao limite considerado o mínimo aceitável para a população rural. Cada componente foi dividido em 3 classes para melhor ser analisado estatisticamente.

Desse modo, a qualidade de vida foi representada pelos indicadores abaixo relacionados:

- Índice de Habitação: determinado pela quantificação de 11 itens numa escala de 56 opções referindo-se o estado da moradia do agricultor e de sua família. Os itens foram: condições de ocupação, material das paredes, material de cobertura, material de piso dos dormitórios e da cozinha, abastecimento de água, reservatório domicílios, iluminação artificial, combustível utilizado, destino do lixo, instalações sanitárias, arredores da casa.
- Índice de Bens Básicos: determinado pela posse ou não, de um conjunto de 25 a 35 itens (de acordo com cada estudo) de utensílios de natureza doméstica existentes na moradia familiar considerados básicos. Tais como: geladeira, cama, veículo, ferro de engomar, forma para bolo, bicicleta, caldeirão, toalhas de mesa, escorredor de macarrão, dentre outros.
- Índice de Uso da Previdência ou Acesso aos Serviços de Saúde: refere-se ao uso de benefícios da previdência social usados pelo produtor rural e sua família. Os benefícios são: assistência médica, assistência odontológica, recebimento de medicamentos, auxílio funeral, auxílio natalidade e auxílio acidente.
- Índice de Integração Cívica: refere-se à posse ou não de um conjunto de documentos tais como: certidão de nascimento, certidão de casamento, carteira de identidade, carteira de trabalho, título de eleitor, carteira do INPS, registro de imóveis, CPF, conta em banco e certidão de nascimento dos filhos.
- Índice de Lazer: determinado por um conjunto de 19 itens de valores relativos, onde se levam em conta atividades de lazer comunitárias, familiares e individuais ou tempo gastos em horas de lazer.
- Índice de Instrução ou Grau de Escolaridade: determinado pelo número de anos de instrução formal que o chefe da família declarou ter à época da entrevista.
- *Renda Monetária Líquida*: considerada-se a renda líquida que o agricultor declarou ter durante o ano da pesquisa. Para se obterem os valores de renda líquida, tomou-se o total dos rendimentos brutos menos os gastos efetuados na propriedade agrícola, ou seja, Renda Bruta menos Gastos na Propriedade.
- Índice das Condições de Higiene: refere-se aos aspectos sanitários e de limpeza do produtor e de sua família. Foram considerados 3 itens como destino dos dejetos humanos, destino do lixo e tipo de abastecimento de água.
- Índice de Consumo Calórico e Índice de Consumo Protéico ou Índice de Nutrição: refere-se ao consumo diário de calorias e proteínas da população pesquisada.

De acordo com Guerrero e Acosta Hoyos (1983, p.178) os limites considerados mínimos aceitáveis para cada indicador podem ser verificados na quadro1:

Quadro 1- Indicadores e seus limites.

Indicadores	Limite mínimo	Unidade
Instrução	8	Ano
Integração cívica	8	Documentos
Renda familiar/ano	1.000	U.S. dólares
Consumo de calorías “per capita”	3.200	Calorias/dia
Consumo de proteínas “per capita”	60	g/dia
Condição habitacional	5	Índice
Acesso aos serviços de saúde	6	Serviços oferecidos
Posse de bens domésticos	24	Itens da escala
Tempo para lazer	1.340	Horas/ano

Fonte: Guerrero e Acosta Hoyos (1983, p.178)

Alguns trabalhos acrescentaram conjuntamente à análise destes indicadores a análise de variáveis independentes como: econômicas, sociológicas e psicológicas.

Na variável econômica estão incluídas informações sobre o tamanho da propriedade e utilização do crédito rural. O grupo das variáveis sociológicas contém perguntas relacionadas com os indicadores de grau de orientação empresarial contendo 46 itens; grau de conhecimento geral com 9 itens; grau de conhecimento agropecuário com 15 itens e grau de acesso aos meios de comunicação com 18 itens. No tocante à variável psicológica apresentam-se os seguintes indicadores: grau de crenças e tabus com 12 itens; grau de motivação e grau de alienação.

Os itens usados para medir a qualidade de vida descritos acima, referem-se ao consumo de materiais, no entanto certos itens são totalmente dispensáveis à vida de uma família tais como: cristaleira, máquina de moer carne, rede, forma para bolo, dentre outros. Além do mais o que pode assegurar que tais itens podem tornar a qualidade de vida de uma pessoa ou de sua família melhor? A resposta, então, deve ser subjetiva cabendo a cada família dizer o quê, ou quais itens podem melhorar a qualidade de vida familiar.

Salienta-se que este artigo é baseado principalmente numa pesquisa subjetiva ou de opiniões e atitudes mas, também numa descrição objetiva da realidade. Neste interín é a família que vai responder se a qualidade de vida melhorou ou piorou desde a entrada no assentamento, obviamente os dados coletados servem de base para tal comprovação.

Estes trabalhos realizados pela UFV demonstram resultados que grande importância para a análise da qualidade de vida no meio rural das populações estudadas, porém o que se pretende neste artigo consiste em compreender a qualidade de vida das famílias no assentamento Fazenda Reunidas através da análise da qualidade de vida utilizando outra perspectiva teórica e metodológica das concebidas e aplicadas às dissertações referidas acima. No entanto usar-se-á a conceituação de qualidade de vida proposta por Ferreira (1986), sendo complementada pela Teoria das Representações Sociais. Assim neste trabalho a qualidade de vida das famílias assentadas é conceituado como sendo:

[...] todo bem-estar produzido por elementos sociais, econômicos, culturais, políticos, religiosos, ambientais, etc., que configuram não apenas as dimensões do ter e do possuir, mas também do ser, do viver em condições de produzir, de gerir e de usufruir dos bens e serviços necessários e disponíveis na sociedade. (FERREIRA, 1986, p. 12).

Após estas considerações pronunciadas acima, busca-se explicitar o sentido em que é utilizado a expressão “Representações Sociais”, operacionalizado na análise dos formulários respondidos pelos assentados a respeito da qualidade de vida da família após a vinda para o assentamento.

Toma-se como referência essa expressão no sentido que lhe vem sendo dado pela denominada Teoria das Representações Sociais, formulada inicialmente na obra do psicólogo social francês Serge Moscovici, publicada pela primeira vez em 1961 intitulada *La Psychanalyse: Son image et son public*, apoiada nos fundadores das ciências sociais na França. Moscovici modernizou a ciência social substituindo as representações coletivas de Durkheim pelas Representações Sociais, tornando, assim, a ciência social mais “adequada” ao mundo moderno, segundo sua concepção.

Por isso, as Representações Sociais são caracterizadas de modo que contemplem os aspectos que sejam de interesse imediato do assunto abordado nesta dissertação.

Minayo (1997, p. 89), entende por Representações Sociais o modo de perceber, compreender e se relacionar com o real e assim conceitua:

Representações Sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a. Enquanto material de estudo, essas percepções são consideradas consensualmente importantes, atravessando a história e as mais diferentes correntes de pensamento sobre o social.

A partir da consideração acima, tomou-se como referencial teórico para análise da qualidade de vida a Teoria das Representações Sociais por se tratar de um

estudo sociológico que abrange a realidade, atos do cotidiano, expressões e trajetórias de vida do senso comum.

Desse modo, Leite (1998) afirma que o conceito de Representações Sociais diz respeito, antes de tudo, a uma forma particular de conhecimento : o conjunto dos saberes sociais cotidianos, os saberes do senso comum.

Muitos autores referem-se às Representações Sociais como: “teorias do senso comum” (SPINK, 1995); saber desenvolvido no cotidiano das relações sociais” (LANE, 1995, p. 59), “conjunto de conceitos, explicações, e afirmações que se originam na vida diária” (MOSCOVICI, 1995, p. 47). Segundo Leite (1998), diante de tais afirmações, com relação ao trabalho desenvolvido sobre a percepção da qualidade de vida das famílias do Assentamento Fazenda Reunidas após a vinda para o assentamento esta teoria não seria a mais apropriada para a apreensão desta realidade?

E para completar a escolha desta teoria constatou-se que segundo explicação de Farr (1997) “*A Teoria das Representações Sociais, enquanto uma forma sociológica de Psicologia Social*, passa a ser vista como valioso instrumental de abordagem sociológica da realidade [...]”, e portanto principalmente no que se refere à compreensão dos sobre a qualidade de vida dos assentados e de sua família.

Atestando tal escolha teórica Leite (1998, p. 19) conclui que:

[...] uma representação social não representa apenas um objeto socialmente importante, não se refere de modo exclusivo a aspectos da realidade que têm relevância para a vida dos sujeitos que produzem essa representação. [...] Ela representa também esses sujeitos, manifestando aquilo que eles são.

As formas de representação da qualidade de vida que tomo em consideração são próprias da vida cotidiana, do senso comum, e não resultados de trabalhos acadêmicos. Por isso, partindo do pressuposto que na qualidade de vida familiar as necessidades básicas de sobrevivência no assentamento em estudo estão sendo resolvidas e que a percepção do nível de qualidade de vida de sua família é expressa pela melhoria das condições de vida após a vinda para o assentamento, é o indivíduo quem vai me dizer se sua qualidade de vida melhorou ou piorou nestes últimos 10 anos. Obviamente que os componentes escolhidos para análise foram observados e verificados a fim de constatar o discurso da família assentada.

Como técnica de coleta de dados optou-se que a entrevista seria feita por dois pesquisadores, um anotaria as respostas no formulário e o outro entrevistaria a um dos membros da família. No decorrer da entrevista os membros da família, respondiam uma ou outra questão complementando ou fornecendo outros dados que não tivesse sido mencionado.

Usou-se, também gravador para melhor aprender o discurso do entrevistado e sua família. As fitas foram transcritas e depois analisadas de acordo com a apresentação que Spink (1997) sobre os passos a serem seguidos para a transcrição da entrevista, atentando para as variações do discurso e ainda detalhes sutis como pausas, silêncios, hesitações, etc. Passos estes já incorporados nas pesquisas realizadas no assentamento pela equipe do Centro de Pesquisas e Estudos Agrários (CPEA).

Analisamos os diversos aspectos contidos nos indicadores com os quais trabalho, possibilitando a comparação entre as diversas famílias pesquisadas e como eram tais indicadores antes da vinda para o assentamento, tais como:

Com relação ao item *alimentação* abordamos como era e como está a alimentação familiar, quais os alimentos que comumente são ingeridos, número de refeições, a existência de horta, pomar no lote e quais os produtos que plantam. Também discutimos na opinião do entrevistado se a sua família come bem e se melhorou a alimentação depois que vieram para o assentamento.

No componente *habitação* discutimos como eram e como se encontra as condições de vida-habitação da família. Estes dados foram obtidos através da observação sendo complementado, quando necessário, pelo entrevistado. Neste item verificamos o material da construção da casa, número de cômodos, tipo de piso, cobertura, tipo de iluminação, origem da água, tipo de instalação sanitária, tipo de esgoto, aparecimento de pequenos animais e insetos e destino do lixo caseiro.

No item *serviços de saúde* discutiu-se sobre as condições de saúde da família antes e depois da vinda para o assentamento, os serviços de saúde existentes no assentamento e quais que a família frequenta, a qualidade desses serviços e tipo de remédios que usam (caseiros ou não).

Há que se ressaltar que a análise destes componentes da qualidade de vida é realizada a partir das entrevistas feitas com os assentados tomando como referencial a percepção destes com relação à construção de um novo modo de vida, através das relações cotidianas.

Nota-se, portanto, que as Representações Sociais podem nos levar à verificação da qualidade de vida das famílias assentadas no presente artigo, pois apesar de cada família ter sua história de vida própria ela se interlaça com a história de outras famílias que tiveram a mesma experiência social em relação à luta pela terra visando a melhoria das condições de vida, permitindo, assim traçar um panorama da qualidade de vida das famílias no Assentamento Fazenda Reunidas.

Wagner (1997, p. 173, (grifo nosso) atesta tal afirmação acima proposta:

Mesmo que indivíduos pertencentes ao mesmo grupo social possam ser bastante diferentes em termos de suas personalidades, *eles se aproximam um dos outros no que diz respeito à estrutura básica de sua experiência social comum, de seu pensamento e de sua ação.* [...] A relação estrutural entre condições mentais coletivamente compartilhadas e condições sociais é homóloga por causa de sua história comum e sua função social.

ALIMENTAÇÃO

No início do assentamento a alimentação era precária, as crianças e os adultos estavam desnutridos, não havia alimento suficiente para todos; viviam em barracos de lonas e utilizavam a água do rio. Paccola (1989) relata mortalidade por desidratação e problemas endêmicos como escabiose, sarna na fase de acampamento.

Com o passar do tempo a realidade foi mudando: os assentados, de posse de suas terras, passaram a plantar num primeiro momento para sua própria subsistência com o objetivo de melhorar a alimentação. Como resultado direto os adultos passaram a produzir também para o comércio, as crianças passaram a ter uma alimentação mais saudável diminuindo os riscos de doenças.

Atualmente, decorridos mais de dez anos de Assentamento verifica-se que a realidade mudou, as dificuldades iniciais foram vencidas, o nível de desnutrição caiu a partir do momento que os assentados passaram a produzir seus alimentos, contando com uma variedade de produtos alimentícios: arroz, feijão, mandioca, frutas, ovos, leite, carne de ovinos, bovinos, caprinos e aves, verduras etc.

Observamos melhoria na situação sócio-econômica, viabilizando não só o assentamento, mas principalmente, fornecendo alimentos para além da subsistência das famílias. Estas famílias buscavam a terra para plantar e colher, no anseio de ter fartura, de ter o que comer para sobreviver. Aspiravam ter a terra não só como local de moradia, mas como meio de subsistência. E hoje já abastecem o mercado regional com leite, hortifrutigranjeiros, grãos etc. Com relação às safras temos:

Num ligeiro balanço do assentamento como um todo, os dados fornecidos pela Coordenadoria Regional do DAF (área V), de Promissão informam que na safra 93/94 a produção final no Projeto de Assentamento Reunidas foi a seguinte: 4.227 ha de área plantada com milho e uma produção de 12.681 ton; 1985 ha de área plantada com algodão e 2233 ton. de produção; 865 ha de área plantada com arroz, totalizando 700 ton de produção e 30 ha de soja, com 67 ton de produção. A produção de leite no mês de janeiro de 1994 foi de 125.938 litros. (D'AQUINO, 1994, p. 238-239).

Dados atuais da safra de 96/97 mostram os seguintes resultados: 4.260 ha de área plantada de milho com uma produção de 13.766,60 ton; 39,02 ha de área plantada de algodão e uma produção de 75 ton; 278,40 ha de arroz saqueiro e uma produção de 364,70 ton; 754,60 ha de feijão seca e uma produção de 501,40 ton dentre outros produtos. A produção de leite de julho de 1997 foi de 11.870 litros/dia. Ainda há assentados que lidam com a sericultura, ou seja, manuseio de bicho da seda e a piscicultura.⁴

⁴ Dados fornecidos pelo DAF (Departamento de Assuntos Fundiários) de Promissão/SP. Vide a respeito LEANDRO, J. B. *Associativismo, cooperativismo e produção: os modelos de produção e a permanência nas terras de Promissão*. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.

Diante do que foi expressado acima verifica-se que o problema da fome está solucionado no assentamento em estudo, pois mesmo grande parte da produção servindo para o comércio, parte dela é destinada para a alimentação dos assentados.

O artigo de Guanzioli (1996, p.1) confirma o resultado obtido nas entrevistas e nas observações realizadas, diz ele:

Os dados produzidos por duas pesquisas realizadas pela FAO, em convênio com o Ministério da Agricultura e com o INCRA, revelam que, [...] o acesso à terra garante uma rápida superação do problema da fome. [...] A renda gerada por uma família de reforma agrária ao nível nacional foi de 3,70 salários mínimos, valor este que ficava bastante próximo da renda mensal de uma família brasileira e acima do salário de um trabalhador rural mensalista.

Outro aspecto a ser destacado, numa pesquisa realizada em 1993 da FAO com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do então Ministério do abastecimento e da Reforma Agrária (Maara) refere-se à média de renda nos assentamentos do Brasil dividido por regiões: Região Nordeste- 2,33 s.m., Região Centro-Oeste- 3,85 s.m., Região Sudeste 4,13 s.m. e Região Sul - 5,62 s.m. por família.

Essas médias só vêm comprovar a eficácia da produção dos assentamentos, que além de proporcionar uma alimentação satisfatória, ainda permite produzir um excedente para despesas adicionais, ou seja, gera condições econômicas que viabilizam a melhoria da qualidade de vida, a partir do momento em que um dos maiores males que afeta populações de todos os continentes, a fome e a miséria, não fazem parte do cotidiano da maior parte dos assentados em questão.

HABITAÇÃO

Com relação à habitação, vemos que no início do acampamento os barracos eram feitos de lonas plásticas, armações de bambu cobertas de capim e de chão batido. Hoje, vê-se que a realidade é outra: novas construções de alvenaria foram feitas, melhorando conjuntamente a qualidade de vida desses assentados. A pesquisa realizada pelo CPEA (Centro de Pesquisas e Estudos Agrários) revela que as moradias são, na sua maioria de blocos ou de tijolos ou madeira, existindo ainda, em número consideravelmente menor, a construção de casas de barro. O piso na sua maioria é de cimento, de cerâmica e poucas casas têm chão batido. A cobertura predominante é de telhas.

A mudança mais representativa diz respeito à iluminação que antes era feita através de lampião a querosene e passou a ser de luz elétrica, existindo agrovilas com luz elétrica desde 1996, como na Agrovila de Campinas. Em contraposição, existem casas que receberam a energia elétrica em julho de 1997, como na Agrovila Birigüi, não descartando as moradias que não tiveram condições econômicas de

trazerem a luz elétrica até o seu lote, embora exista nas mediações. Ressalta-se que, de um modo geral, a luz elétrica já chegou a um número significativo de agrovilas e lotes individuais.

Um aspecto em questão refere-se à higiene pessoal - o banho. Os dados obtidos através das entrevistas apontaram para o banho com balde regador, localizado dentro de casa, nas instalações sanitárias. O banho é realizado, muitas vezes com água previamente aquecida. Também se observou a existência de chuveiros com água encanada.

Em relação às instalações sanitárias apurou-se que a maior parte delas são utilizadas pela família e localizam-se fora da moradia, apresentando o tipo de esgoto conhecido como “casinha” ou fossa negra, existindo casas que possuem a fossa asséptica, tipo de esgoto que mais se aproxima ao vaso sanitário, utilizado pela população urbana.

Outro fato importante a ser considerado para a saúde do assentado rural, diz respeito ao destino do lixo caseiro. Segundo os dados coletados grande parte dos trabalhadores tem um cuidado especial para o lixo, conscientes dos riscos que traz à saúde. Vejamos os depoimentos:

É uma luta nossa com o lixo prá não deixar lixo no quintal. Furam dois buracos um você joga lata, plástico e no outro você joga casca, resto de comida [...] esse lixo orgânico, essas cascas viram adubo [...] Você tira daí, fica ali e depois a gente joga terra, mistura bem aquilo, tira e é utilizado prá colocá nos pé das planta que a gente tem no quintal: pé de laranja, manga. A gente usa pra pôr nos pé de fruta. (Maria de Lurdes Pereira Silva - assentada da Agrovila de Campinas).

Eu sou muito caprichoso. Eu discuto com eles (seus filhos) sobre isso. Ensaco as latas, pondo tudo num monte, porque se a gente deixa esparramado até prá gente trabalhá é difícil, você tá batendo a enxada, batendo em cima de caco de vidro, arame, pedaço de tijolo [...] Isso tudo estraga a ferramenta. O resto? eu dô pros cachorro, pros porco [...] (João Domiciano Alves, Agrovila Birigüi - Lote 206).

Apesar da existência de assentados preocupados com o destino do lixo caseiro, salienta-se que existem os que jogam o lixo no quintal sem ter nenhum cuidado posterior, mesmo tendo crianças que poderão brincar com esse lixo. Torna-se preciso um trabalho de conscientização sobre estas práticas que trazem consequências à saúde.

O ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Sabemos que a luta pela saúde é uma luta de todos os cidadãos que exigem dentre outras coisas, um serviço de saúde capacitado para diagnosticar, curar e prevenir doenças, tornando-as novamente saudáveis. As famílias do Assentamento Reunidas também lutaram para ter um serviço de saúde dentro do assentamento.

Paccola (1995) relata que em 27 de setembro de 1988, os trabalhadores assentados em lote definitivo e emergencial fizeram uma caminhada da Fazenda Reunidas até a cidade de Promissão para trazer à opinião pública, autoridades municipais e estaduais reivindicações. Vieram com uma carta ao Secretário de Assuntos Fundiários do Estado de São Paulo, na qual dentre as 12 reivindicações, estava a relacionada a saúde: a criação de um Posto de Saúde e ambulância na fazenda.

A fundação do Posto de Saúde na Agrovila Central ocorreu em 12 de setembro de 1994. Possui uma sala de espera com um banheiro para os pacientes, uma secretaria, uma farmácia, uma sala de pré-consulta, uma sala de inalação, uma sala de curativos, duas salas de consulta, um banheiro para os funcionários. O atendimento é oferecido ao assentamento inteiro, até de sítios/fazendas vizinhas perfazendo um total de 1337 prontuários abertos de pacientes, fora as fichas transitórias de pessoas que vem de outra cidade, geralmente parentes dos assentados ou de pessoas que passam pela rodovia em viagem.

A responsável pelo Posto de Saúde é a auxiliar de enfermagem Vera Lúcia Gomes Campos Soares. Ela é assentada e tem um lote nesta mesma agrovila. Em uma casa construída atrás do Posto pela Prefeitura de Promissão residem ela, o marido e duas filhas.

Segundo Vera Lúcia, ela fez o curso de auxiliar de enfermagem em Promissão e, na época da fundação do Posto só ela tinha essa formação, então para não ter que trazer uma pessoa de outro lugar, contrataram ela mesma que já era assentada. Vera Lúcia é contratada pela prefeitura e recebe um salário mensal. Suas atividades referem-se a abertura e fechamento do o Posto nos horários determinados, fazer o serviço de auxiliar de enfermagem (verificar pressão, fazer inalação, colher sangue, aplicar injeção, fazer curativos) e o serviço burocrático (ficha de paciente, chamar para o paciente para o atendimento).

O Posto de Saúde da Agrovila Central funciona de segunda à sexta-feira das 7 às 11 e das 13 às 17 horas, tendo um médico que atende no período da manhã, três vezes por semana (2ª, 3ª e 5ª feira) de especialidade clínica geral. O número de atendimento varia de 16 a 20 pacientes por dia.

Para o atendimento odontológico há dois dentistas, um atende no período da manhã e o outro no período da tarde perfazendo um total de 6 a 7 pacientes por dia para cada profissional.

Outro Posto de Saúde na Agrovila Cintra foi fundado no final de 1995 e tem uma infra-estrutura menor que o Posto de Saúde da Agrovila Central, pois está em conformidade com o tamanho dessa região, segundo relato do Secretário Municipal de Saúde - Dr. Ronaldo Simões.

O mesmo médico atende, também, no Posto da Agrovila Central, uma vez por semana e consultando de 23 a 24 pacientes/dia.

Pelo tamanho deste assentamento necessitava-se de mais Postos de Saúde, o Secretário Municipal de Saúde reconhece tal necessidade afirmando que tal impedimento é a falta de recursos financeiros:

No assentamento precisa muita coisa ainda, de expansão. Não é fácil. Se dependesse de nós já tínhamos montando uns dois ou três Postos. Nós ficamos na dependência econômica, financeira. (Dr. Ronaldo Simões)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as condições de saúde para todos os cidadãos estão precárias, em estado de choque mesmo e isso aparece com maior nitidez em relação aos trabalhadores rurais. Observamos que o trabalhador rural está exposto às doenças ligadas às condições deficientes de alimentação causando desnutrição em crianças e adultos; a falta de saneamento básico; o tipo de moradia que em alguns casos proporciona a entrada de animais peçonhentos, de ficar exposto ao frio, chuva, vento. Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao acesso aos serviços de saúde, sua localização, a distância que têm a percorrer e ainda a qualidade do atendimento.

Diante do que foi dito acima, percebe-se a grande dificuldade da busca pela qualidade de vida por parte do trabalhador rural, personificado neste artigo na figura do assentado. Qualidade de vida que signifique não só a satisfação em viver no assentamento, em contato com a “terra mãe”, mas principalmente pela melhoria das condições de vida após a conquista da terra.

Mostrou-se um caso concreto em que a reforma agrária tem sido bem sucedida com é o caso do Assentamento Reunidas, localizado no Município de Promissão Estado de São Paulo. O assentamento foi criado em 1987 e é através da realidade da concretização do projeto de reforma agrária que vemos o quanto foi possível melhorar a qualidade de vida destas famílias assentadas.

No início do assentamento as condições de saúde eram precárias, as crianças e os adultos estavam desnutridos, não tinham alimentos suficientes para todos; viviam em barracos de lonas e utilizavam a água do rio. Com o passar do tempo a realidade foi mudando.

Os assentados de posse de suas terras passaram a plantar num primeiro momento para sua própria subsistência com o objetivo de melhorar as condições de saúde. Como resultado direto os adultos passaram a produzir também para o comércio, as crianças tiveram uma alimentação mais saudável diminuindo os riscos de doenças.

As casas na sua maioria passaram a ser de blocos de tijolos, em algumas agrovilas já têm energia elétrica e utilizam águas de poços artesianos.

Foram criados dois Postos de Saúde para o atendimento da população dentro do assentamento: com médico e dentistas para o atendimento. Também, existe um ônibus que leva os assentados para a cidade de Promissão para serem atendidos no Posto de Saúde desta cidade, no caso de optarem ou necessitarem de outro tipo de atendimento.

Hoje após uma década, nota-se que o índice de mortalidade por doenças entre os assentados é muito baixo, não houve casos de mortes de neo-natais e percebe-se no rosto das crianças que elas estão bem nutridas, saudáveis e felizes.

Finalizando, consideramos que os dados obtidos na pesquisa demonstram que o Assentamento Reunidas proporcionou a melhoria da qualidade de vida das famílias assentadas, pois é uma alternativa à fome e à miséria confirmando que o projeto de reforma agrária é viável e necessário para o resgate da cidadania e da vida de toda uma população - a dos Trabalhadores Rurais Sem Terra!

REFERÊNCIAS

- ALVES, S. A. *Análise comparativa da qualidade de vida entre os pequenos produtores rurais do Agreste de Itabaiana e do sertão sergipano*. 1986. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 1986.
- BERNAVA, C. *A igreja sem nome e sua atuação na agrovila dos “44”*: um estudo de caso. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.
- BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: sociologia. In: ORTIZ, R. (Org.) *Bourdieu, P.* São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Os Grandes Cientistas Sociais).
- BUARQUE, C. Qualidade de vida: a modernização da utopia. *Lua Nova: cultura e política*, São Paulo, n. 31, p. 157-165, 1993.
- CHAMMÉ, S. J. *Saúde: um processo em constante construção*. 1997. Tese (Livro-Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.
- D'AQUINO, T. Nas Terras de Promissão: da luta à construção do lugar. In: FERRANTE, V. L. *Retratos de assentamentos*. Cadernos de Pesquisa, ano 1, n. 1, 1994.
- _____. A casa, os sítios e as agrovilas: uma poética do tempo e do espaço no assentamento das terras de Promissão - SP. *Cadernos CERU*, São Paulo, série 2, n. 8, p. 29-50, 1997
- _____. *Inserção no trabalho de crianças e adolescentes na cidade e nos assentamentos rurais: saúde ou qualidade de vida?* Marília. 1997. Projeto de Pesquisa.
- FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.) *Textos em representações sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FERRANTE, V. L. B. et al. Assentamentos rurais: um olhar sobre o difícil caminho de constituição de um novo espaço de vida. In: FERRANTE, V. L. B. (Org.) *Retratos de assentamentos*. S. I: Cadernos de Pesquisa, ano 1, n. 1, 1994.
- FERREIRA, A. M. S. *Dimensões da qualidade de vida no meio rural de Santa Catarina e Rio Grande do Norte*. 1986. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 1986.

- FIGUEIREDO, V. M. et al. Questão agrária e saúde no Brasil contemporâneo. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 15, n. 59. jul./set. 1987.
- GUANZIROLI, C. E. O acesso à terra e a melhoria nas condições de vida. In: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 48. São Paulo. *Anais...* 1996.
- GUERRERO, S. J.; ACOSTA HOYOS, L. E. Qualidade de vida: opção teórica e metodológica. *Revista de Economia Rural*, Brasília, v. 21, n. 2, p. 173-92, abr./jun. 1983.
- LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de representações sociais. In: SPINK, M. J. P. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LEITE, I. C. *Representações sociais da miséria*. Projeto de Doutorado em Sociologia apresentado ao Grupo Temático Cultura, Ideologia e Representações. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1998.
- MENEZES, L. C. C. de. *Qualidade de vida no contexto da ocupação de Rondônia: o caso do Projeto Integrado de Colonização Ouro Preto*. 1987. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 1987.
- MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NOGUEIRA, O. *Pesquisa social: introdução à suas técnicas*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1968.
- PACCOLA, S. A. D. *Assentamento na fazenda Reunidas: a reforma agrária é um projeto viável?* Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1995.
- _____. *Reforma agrária a (IN) definição da Nova República*. 1989. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1989.
- POKER, J. G. B. *A prática da vida e os desencontros da libertação*. 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências e História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- QUEIROZ, M. I. P. de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: FFLCH: CERU, 1983.
- _____. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 39, n. 3.1987.
- RIBEIRO, H. P.; LACAZ, F. *Do que adoecem e morrem os trabalhadores*. São Paulo: Oboré, 1985.
- RODRIGUES, A. S. *A qualidade de vida dos agricultores do estado de Santa Catarina*. 1980. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 1980.
- SPINK, M. J. P. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- VIANA, L. S. *A qualidade de vida do pequeno agricultor do sertão alagoano*. 1979. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 1979.

WAGNER, W. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

WHITAKER, D. C. A. et al. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? *Cadernos de Campo*, Araraquara, v. 2, n. 3.1995. Organização de V. L. B. Ferrante.